

## TURISMO CULTURAL NO RIO DE JANEIRO: A BOSSA NOVA COMO PATRIMÔNIO CARIOCA

Leonardo Kronemberger Kappaun<sup>1</sup>

Caroline Pereira Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

A Bossa Nova, nascida na cidade do Rio de Janeiro – até então polo cultural do país – no ano de 1958 é a mescla, basicamente, do samba com o jazz que se consagrou como estilo nacional. Ao conquistar níveis internacionais se tornou, assim como o Samba seu estilo originário, produto de exportação e até hoje influencia os novos cantores da música brasileira e atrai turistas que buscam o ideal da mulher brasileira personificado na Garota de Ipanema e refrescam-se nos vários “Bares Velosos” ao longo da orla. O presente artigo busca, através das origens da industrialização no Brasil desde o Estado Novo até o governo de Juscelino Kubitschek, focar no período chamado de “Anos Dourados” até a origem da Bossa e apresentar uma abordagem qualitativa para seu uso turístico, tendo como recorte espacial a cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente dois bairros emblemáticos da Zona Sul – Ipanema e Copacabana –, englobando assim, a Bossa Nova dentro da temática do Turismo Cultural.

**Palavras-chave:** Bossa Nova, Cultura Brasileira, Turismo Cultural.

---

<sup>1</sup> Bolsista PIBIC-CEFET/RJ no Curso de Tecnologia de Gestão em Turismo. (leonardo.kberger@gmail.com)

<sup>2</sup> Bolsista PIBIC-CEFET/RJ no Curso de Tecnologia de Gestão em Turismo. (pace\_gioia@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica (PIBIC) cadastrada no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) intitulada “O Samba Urbano Carioca: Sua nacionalização no Estado Novo, consolidação na Identidade Nacional e exploração turística.”, relacionada ao projeto da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nara M. C. Santana intitulado “Cultura Política e Identidade Nacional: as relações entre Turismo, Tombamento e Preservação”.

Aqui, se objetiva apresentar a Bossa Nova como movimento cultural e produto turístico. A metodologia empregada usa de pesquisa qualitativa de fontes secundárias voltadas ao estudo da política e sociedade brasileira. Faz-se necessário, então, buscar origens históricas e antecedentes que impulsionaram seu início.

É essencial buscar a história da industrialização, visto que a mesma possibilitou o surgimento da Bossa Nova e de outros tantos movimentos culturais. É a partir da industrialização iniciada no Estado Novo (1937-1945), conturbada pelo governo Dutra, retomada no segundo governo Vargas e com continuação no governo Juscelino Kubitschek o início do período que chamamos de “Anos Dourados”, no qual a cultura americana foi massificada e a música brasileira sofreu o impacto dos ritmos norte-americanos.

Como conclusão é apresentada maneiras de utilizar a Bossa Nova

como atrativo cultural e turístico, tendo como foco o Rio de Janeiro. Não se espera montar um “roteiro turístico”, visto que não é o propósito da pesquisa inicial dos autores e sim, mostrar uma abordagem sobre um patrimônio cultural imaterial brasileiro e carioca por nascimento.

## 1. INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL NO ESTADO NOVO

O processo de industrialização brasileiro tem seu início após a Revolução de 30 com o início do Estado Novo<sup>3</sup> comandado por Getúlio Vargas. Nesse período a indústria é posta como eixo central da economia brasileira com a implantação de indústrias de base. Vargas então promove o desenvolvimento exportando produtos agrícolas (algodão e café) e importando produtos industrializados. O Estado Novo conseguia explorar riquezas nacionais sem interferir nas empresas estrangeiras no país:

O governo se preparou para atuar em áreas de ponta – a exemplo do aço, transportes, energia, pesquisa e comunicações -, enquanto deixava para a iniciativa privada, nacional e

---

<sup>3</sup> O Estado Novo em uma descrição sucinta foi o regime ditatorial de Getúlio Vargas durante os anos de 1937 a 1945. Segundo ARAUJO (2000) “representava o ideal político de encontrar uma “via” que se afastasse tanto do capitalismo liberal quanto do comunismo”. Foi marcado pelo nacionalismo e o culto ao chefe. Nesse período, Vargas buscava criar um conceito de “brasilidade” construindo um Estado-Nação (um território composto por uma população e governos étnico-culturais coesos). Para uma maior descrição consulte ARAUJO (2000) e FAUSTO (2009).

estrangeira, as atividades econômicas relativas aos bens de consumo não-duráveis. Essa concentração de poder de decisão na área econômica é uma das marcas mais fortes e duradouras do Estado Novo [...]. (ARAUJO, 2000, p. 43)

Com base nisso, foi iniciada em 1941 a construção da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) financiada pelo governo dos Estados Unidos, que tinha interesse nos mercados da América do Sul e na participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra os países do Eixo. A rápida industrialização contou também com a Companhia Vale do Rio Doce (inaugurada em 1942), a Fábrica Nacional de Motores (1943) juntamente com a Companhia Nacional de Álcalis e, mais tarde em 1945, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco. Os bens de consumo corrente foram assim beneficiados com insumos a preços baixos.

Após 1945, com o fim da Segunda Guerra e durante o Governo Dutra (1946-1951) houve influência do liberalismo e o Estado passou a intervir menos na economia, conforme cita SZMRECSÁNYI & SUZIGAN (2002, p. 102) “A nova administração propunha uma política econômica de câmbio único e livre, com garantia de retorno aos capitais aqui aplicados”. Os políticos conservadores defendiam maior liberdade comercial e o foco menor na indústria de bens de consumo duráveis.

Com o início do segundo Governo Vargas (1951-1954), a política

econômica do Brasil foi marcada pelo nacionalismo e volta do incentivo às indústrias de base e infraestrutura. Vargas defendia a necessidade de acelerar o desenvolvimento do país e ampliar a proteção do trabalhador, porém sua posição nacionalista ia contra a busca de recursos externos para o financiamento destes setores na economia, segundo AGGIO (2002, p. 55):

Amparado ao apoio das massas populares, procurou fazer uma política que ressaltava a necessidade de se coibir os abusos contra a ordem econômica cometidos pelos interesses estrangeiros no país e de se promover o desenvolvimento interno, como forma de garantir a autonomia nacional.

Com o apoio das massas, em 1951 foi apresentado o Programa de Petróleo Nacional junto com o projeto de criação da Petrobras. Anos mais tarde, em 1952, foi criado o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDE). O segundo governo Vargas foi marcado por utilizar o mesmo processo de industrialização do seu primeiro governo, porém sendo eleito por voto direto do povo e tendo o apoio do mesmo, a maneira de promoção negava a influência norte-americana.

## 2. ANOS DOURADOS E JK

O governo Juscelino Kubitschek que durou de 1956 até 1960 trouxe a abertura para o capital estrangeiro, mas com intervenção do Estado. O governo usou de órgãos

preexistentes como o BDNE e o CACEX (Carteira de Comércio Exterior) além de outros órgãos criados pela presidência – subordinados ao Conselho de Desenvolvimento Exterior – para pôr em prática o Programa de Metas, um ambicioso plano de metas indústrias a serem cumpridas nos cinco anos de seu mandato. É conhecido por seu *slogan* “50 anos em 5”, simbolizando o crescimento econômico de 50 anos nos 5 anos de governo, segundo PICOLIN (2006), se tornou um dos slogans políticos mais conhecidos e sintetizava exatamente o que o plano de governo queria ser.

Nesse período, a economia se baseava no tripé estatal, nacional privado e estrangeiro. O capital estatal era responsável pela indústria de base, dando suporte aos outros dois grupos, o capital nacional privado pelos bens de consumo corrente e o capital estrangeiro por bens de consumo duráveis representado, sobretudo, pela indústria dos automóveis. Sobre o Plano de Metas e o crescimento industrial, destaca-se:

O Programa de Metas combinou a intervenção estatal da economia associada ao capital privado nacional e estrangeiro. [...] Com efeito, o Programa de Metas resultou em inegável sucesso no que diz respeito à evolução do parque industrial, [...]. A Produção industrial brasileira teve vertiginoso crescimento, especialmente nos setores considerados fundamentais, como o aço (com crescimento de 100%), mecânica (125%), eletricidade (380%) e transportes

(600%). A Grande estrela do empreendimento nacional-desenvolvimentista de Juscelino foi a indústria automobilista, segmento-símbolo da consolidação da modernidade capitalista em território brasileiro. (AGGIO *et al.*, 2002, p.69)

Esta política foi chamada de nacional-desenvolvimentista, definida por BASTOS (2006) em: “a vinculação do interesse nacional com o desenvolvimento, ativado pela vontade política concentrada no Estado, de novas atividades econômicas, particularmente industriais, associadas à diversificação do mercado interno”. Durante estes anos houve euforia de desenvolvimento, e no que tange a cultura, foram chamados de “Anos Dourados”.

## 2.1 A CULTURA DA DÉCADA DE 50: OS “ANOS DOURADOS”.

Os anos que compõem o governo de Juscelino Kubitschek foram marcados por mudar o modo de vida da sociedade brasileira. Ao final da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, os Estados Unidos impuseram por intermédio de instrumentos, como a ajuda financeira, seu modo de vida, o “*american way of life*”.

A Guerra trouxe consigo inúmeros avanços tecnológicos e industriais, algumas inovações tecnológicas resultantes deste período são: a energia nuclear, os grandes computadores, a produção de antibióticos e o lançamento dos primeiros satélites artificiais. Já entre

os avanços na indústria, destaca-se o surgimento do plástico, que tornava o custo de fabricação baixo e o preço mais barato ao consumidor final.

O aumento da produção gerou mais capacidade de compra e a publicidade fazia com que produtos como geladeiras, máquinas de lavar, barbeadores, televisores, rádios portáteis, automóveis e outros bens fossem vendidos como práticos, modernos e eficientes. Estes novos produtos introduziram um novo estilo de vida, pois vendiam a ideia de conforto, simplificação do trabalho doméstico e aumento do tempo livre destinado ao lazer. Assim, o desejo de uma vida melhor ia aos poucos sendo moldado. O desenvolvimento característico destes anos introduziu, também, novas formas de pensar e agir marcados por uma maior liberdade social – principalmente para as mulheres.

Os Estados Unidos no esforço de afirmar seu poder econômico e político-ideológico procuraram dominar também os países não europeus. O Brasil estava em sua área de influência por ser aliado declarado dos norte-americanos desde a Segunda Guerra. A política do governo brasileiro voltava-se expressamente para a difusão de ideais e valores norte-americanos, que ao longo da década de 1950<sup>4</sup>, se amplificou sendo mostrada em cinemas, revista e na televisão,

frisando que a primeira transmissão televisiva ocorre em setembro de 1950 pelas mãos de Assis Chateaubriand.

Foi durante a década de 1950, também, que se consolidou no Brasil a chamada sociedade urbano-industrial. Tendo como consequência o desenvolvimento de uma cultura de massa trazida pelo aumento do consumo de jornais e de revistas (principalmente *O Cruzeiro* e *Manchete*) e, posteriormente, pela televisão:

Sucesso nacional, a Revista *O Cruzeiro*, chegou, em 1956, a uma tiragem semanal de 570 mil exemplares em uma época de população bem menor e de muitos analfabetos. A *Manchete* era sua única concorrente de peso. Em um país com tantos analfabetos, as imagens proporcionadas pela fotografia das revistas abriam uma janela para o mundo. Aos poucos, a televisão, além da instantaneidade, foi roubando a imagem das revistas. (CARMO, 2000, p.18)

A influência popularizou um novo estilo de vida nos centros urbanos, que tinham como modelo a cidade do Rio de Janeiro, capital até 1960, e o bairro de Copacabana. A música, o teatro e até mesmo o cinema brasileiro tornam-se, mais do que nunca, ativos e revolucionários.

## 2.2. A BOSSA NOVA

É nesse contexto que se inicia a Bossa Nova, uma mistura de jazz com samba e música clássica. De acordo com NAVES (2004) os

<sup>4</sup> VIANNA, Ruth Penha Alves. História comprada do telejornalismo: Brasil/Espanha. In: **Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, 1, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/1o-encontro-2003-1/>>. Acesso em: 13 set. 2011.



músicos da bossa nova queriam excluir o excesso presente nas músicas e eliminar os aspectos melodramáticos considerados inadequados aos novos tempos da sociedade.

Foi “inaugurada” em 1958 com o LP *Canção do amor demais* de Elisabete Cardoso, mas tendo como partida o 78 rpm *Chega de Saudade* (canção presente no LP *Canção do amor demais*) de João Gilberto, Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim. Criando para a Bossa Nova, contudo, um espírito de mal-amados e traidores buscando reconciliações.

Com as crescentes críticas ao estilo os músicos, passaram a afirmar um estilo boêmio. Segundo ALMEIDA (1996), introduziram temas como felicidade, mulheres e alegria de viver. Como na música *O barquinho* (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli, 1961), cantada originalmente por João Gilberto, mas sendo sucesso na voz da cantora Maysa:

Dia de luz  
Festa de sol  
E um barquinho a deslizar  
No macio azul do mar  
Tudo é verão e o amor se faz  
Num barquinho pelo mar  
Que desliza sem parar  
Sem intenção, nossa canção  
Vai saindo desse mar e o sol  
Beija o barco e luz  
Dias tão azuis  
Volta do mar desmaia o sol

E o barquinho a deslizar  
É a vontade de cantar  
Céu tão azul ilhas do sul  
E o barquinho, coração  
Deslizando na canção  
Tudo isso é paz, tudo isso traz  
Uma calma de verão e então  
O barquinho vai  
A tardinha cai  
O barquinho vai.

Com isso, a Bossa Nova se afirmou como estilo musical dos boêmios cariocas e influenciou jovens cantores e compositores. Muitos desses artistas saíram da academia de violão, fundada por Roberto Menescal e Carlos Lyra, no apartamento dos pais de Nara Leão – um ponto de encontro dos artistas da Bossa Nova.

A Bossa Nova revelou ao mundo grandes nomes da música brasileira como Vinícius de Moraes, Tom Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, Silvinha Teles e Nara Leão. O novo estilo considerado inicialmente um sofisticado demais, impôs-se pelo talento de seus compositores e intérpretes que cantavam acompanhados apenas de violão.

Esses artistas se mantiveram unidos até meados de 1960, quando houve um rompimento entre dois grupos: de um lado Carlos Lyra, Silvinha Teles, Castro Neves e Alayde Costa e de outro Roberto Menescal, Claudete Soares, Sérgio Ricardo, Ronaldo Bôscoli e Nara Leão. O rompimento

foi relacionado à assinatura de contrato com gravadoras e uma questão ideológica envolvendo Carlos Lyra engajado com União Nacional dos Estudantes (UNE) para a formação do Centro Popular de Cultura da UNE que via na bossa nova muita influência do jazz norte-americano e propunha uma reaproximação com o samba de morro.

Em 1962, a Bossa Nova conquistou níveis internacionais através de um concerto no *Carnegie Hall*, a mais tradicional sala de concertos de Nova Iorque, para um público de cerca de três mil pessoas com participação de João Gilberto, Bola Sete, Agostinho dos Santos, Carmem Costa, José Paulo, Luis Bonfá, Carlos Lira, Sérgio Mendes, Antonio Carlos Jobim, Milton Bani, C. Feitosa e Roberto Menescal. Segundo o noticiário:

O Itamarati recebeu despachos dos EUA informando que compareceram ao concerto 300 repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e críticos especializados de toda a América do Norte e da imprensa mundial, o que deveria garantir grande repercussão ao show de bossa nova. (JORNAL DO BRASIL, 1962)

A divisão de grupos durou até Nara Leão se reaproximar do grupo de Carlos Lyra. Ela evidenciou os músicos Zé Kéti, Cartola, Elton Medeiros e Néilson Cavaquinho aproximando a Bossa Nova do Samba.

Nessa segunda geração da Bossa, destacam-se os músicos Paulo Sérgio Valle, Edu Lobo, Ruy Guerra,

Pingarilho, Marcos Vasconcelos, Dori Caymmi, Nelson Motta, Francis Hime e Wilson Simonal entre outros marcados por uma Bossa Nova com ritmos mais variados.

Com a Bossa Nova dividida, em 1965, Vinicius de Moraes e Edu Lobo compuseram a canção "Arrastão" defendida por Elis Regina no I Festival de Música Popular Brasileira<sup>5</sup> (da extinta TV Excelsior) realizado no Guarujá determinando a transição deste movimento para a MPB, tendência menos definida e mais ampla, que englobaria várias modalidades musicais.

Em 2005<sup>6</sup> o Beco das Garrafas, berço da Bossa Nova e seus boêmios, foi registrado no Livro de Registro de Lugares da Cidade do Rio de Janeiro como patrimônio imaterial. E, em 2007<sup>7</sup>, veio o registro definitivo do movimento no Livro de Formas de Expressão tornando assim a Bossa Nova patrimônio após 50 anos de sua criação.

### 3. TURISMO CULTURAL E PATRIMÔNIO IMATERIAL

<sup>5</sup> TOMÁS, L. Impasses na música popular brasileira. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 7, n. 20, 2008. Disponível em <http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/view/4489/4211>. Acessado em 04 out. 2011.

<sup>6</sup> RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 25918, de 26 de outubro de 2005**. Declara Patrimônio Cultural Carioca o Beco das Garrafas. Diário Oficial da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 26 out., 2005.

<sup>7</sup> RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 28552, de 15 de outubro de 2007**. Declara Patrimônio Cultural Carioca a Bossa Nova. Diário Oficial da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 15 out., 2007.

O Turismo Cultural se constitui de um sistema de comunicação em que o lazer e o turismo se constroem e se interligam em complexos processos de difusões e interações culturais (TOMAZZONI, 2007).

Logo, para o objetivo deste artigo, pode-se definir turismo cultural como:

Turismo cultural é todo turismo no qual o principal atrativo não é a natureza, mas um aspecto da cultura humana, que pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura. (BARRETTO, 2007 p.87)

Ao analisar o conceito de BARRETTO, percebe-se semelhança com o conceito da Organização Mundial do Turismo (OMT), definido como “Atividades turísticas que têm como principal motivação, aproveitar os recursos culturais de um determinado local, cidade ou vila” (tradução livre).<sup>8</sup>

Segundo esses dois conceitos, a Bossa Nova se enquadra dentro do Turismo Cultural. O principal produto explorado por este Turismo Cultural é o patrimônio. É necessário aqui conceituar patrimônio e, logo depois, patrimônio imaterial. A Constituição brasileira de 1988, no artigo 216, seção II – DA CULTURA, estabelece o seguinte conceito para Patrimônio Cultural:

Constituem Patrimônio Cultural brasileiro os **bens de natureza**

**material e imaterial**, tomado individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – formas de expressão; II – Os modos de criar, fazer e viver; III – As criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV- As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V- Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (grifo nosso)

O patrimônio imaterial como visto, já é proposto pela Constituição de 1988. Contudo, a proteção pelo Estado dos bens imateriais só foi efetivada no ano de 2000 com o Decreto nº 3.551 que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial<sup>9</sup>. A partir deste decreto, os bens imateriais brasileiros passaram a ter sua perpetuação garantida.

O patrimônio, ora tendo valor à memória de um determinado local, é um inegável atrativo turístico. Ao contrário do Samba que já possui mercado consolidado e atrai turistas de todo o mundo, a Bossa Nova ainda é um atrativo inexplorado e não consta dentre os principais atrativos do Rio de Janeiro, excluindo

<sup>8</sup> OMT. **TourisTerm**. Disponível em: <<http://www.unwto.org/WebTerm6/UI/index.xsl>> . Acesso em: 25 out. 2011

<sup>9</sup> BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, p. 2, 07 ago., 2000. Seção 1



eventuais menções a shows com grandes artistas da MPB. Sua história e influências deve ser alvo de estudo ao implantar esse atrativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à industrialização iniciada por Vargas em seu primeiro mandato e a fatores externos como a influência norte-americana, os brasileiros incorporaram o “movimento antropofágico” e fizeram do jazz americano um novo ritmo brasileiro.

A Bossa Nova por quase uma década atraiu visitantes ao Rio de Janeiro. Suas melodias sobre as praias, a vida boêmia da Zona Sul e a mulher brasileira, já famosa, mas enaltecida pela “Garota de Ipanema” consolidaram ainda mais sua imagem de capital cultural e polo indutor do turismo brasileiro.

A Bossa Nova originou e influenciou outros ritmos brasileiros como a Tropicália, a MPB e até alguns compositores do rock como Lobão e Cazuza. Foi vista, ao final, como meio de aproximar a burguesia das canções do samba dos morros. Sua exportação iniciada em 1962 com o concerto de Nova Iorque abriu o mundo para os cantores explorarem os mercados mundiais – e muitos deles o fizeram e fazem ainda hoje. Não é incomum presenciar a Bossa Nova na Europa e Japão.

Assim como já existem roteiros e opções consolidadas para o “Samba e Carnaval”, a Bossa Nova pode ser importante atrativo turístico. Usando o Rio de Janeiro como cenário é

possível atribuir a ele vários pontos e circuitos turísticos. Os principais bares continuam em funcionamento como o antigo Bar Veloso, hoje Garota de Ipanema, e outros espalhados pelas avenidas e ruas perto do apartamento de Nara Leão, por exemplo, que contam com *happy hours* com apresentação musical de bossa nova. Incluindo a loja e mini-museu Toca do Vinícius, com peças, manuscritos e fotos do poeta e compositor.

Como anteriormente dito, não é a intenção aqui formular roteiros ou propor rotas. A pesquisa inicial da qual este artigo é fruto busca compreender de que forma o patrimônio se articula com a História, a Política e o Turismo. Logo, compreender a Bossa dentro do seu contexto histórico-cultural é fundamental para melhor apresentar o produto.

Sendo assim, essa articulação trata do chamado Turismo Cultural. As manifestações culturais, entre elas a Bossa Nova, contribuem para o desenvolvimento turístico. O Turismo enquanto atividade de troca de culturas pode transformar este desenvolvimento em benefícios econômicos e sociais para a população local – contribuindo para uma melhor distribuição de renda e aumentando a participação da população nas decisões políticas. Assim, contribuindo na perpetuação desta manifestação social e na proteção dos patrimônios da localidade.

## REFERÊNCIAS

AGGIO, Alberto *et al.* **Política e sociedade no Brasil (1930-1964)**. São Paulo: Annablume, 2002.

ALMEIDA, Claudio Aguiar. **Cultura e sociedade no Brasil: 1940-1968**. 5. ed. São Paulo: Atual, 1996.

ARAUJO, Marina Celina Soares D'. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. A construção do nacional-desenvolvimentismo de Getúlio Vargas e a dinâmica de interação entre estado e mercado nos setores de base. In: **Revista da ANPEC**, Brasília, volume 7, número 4, 2006. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/revista/volume7.htm>>. Acesso em: 13 set. 2011

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/presidencia/a-constituicao-federal>>. Acesso em: 25 out. 2011.

CARMO, Paulo Sergio Do. **Culturas da Rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FAUSTO, Boris. O Estado Getulista (1930-1945). In: \_\_\_\_\_. **História do Brasil**. 13 ed. I reimpr. São Paulo:

Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (Didática, 1 v.)

FÃS americanos aplaudem com entusiasmo "show" da bossa nova em Nova Iorque. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1962. 1º Caderno, p. 8.

MAYSA. **Maysa** - Quando fala o coração. Rio de Janeiro: Som Livre, 2009.

NAVES, Santuza Cambraia. **Da Bossa Nova à Tropicália**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PICOLIN, João Carlos. Peixe vivo em água fria: Juscelino e a propaganda política. In: QUEIROZ, Adolpho (org.). **Na arena do marketing político: ideologia e propaganda nas campanhas presidenciais brasileiras**. São Paulo: Summus Editora, 2006.

TOMAZZONI, Edegar Luís. **Dimensão Cultural do Turismo**. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0460-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0460-1.pdf)>. Acesso em: 18/11/2010.

SZMRECSÁNYI, Tamás; SUZIGAN, Wilson. **História econômica do Brasil contemporâneo**. 2.ed revista. São Paulo: Hucitec/Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica/Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial, 2002.